

LEMBRANDO EGON SCHADEN (*)

João Baptista Borges Pereira

Vítima de atropelamento, faleceu, nesta capital, dia 16 de setembro, o dr. Egon Schaden, Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.

Em 1967, aposentou-se precocemente da Faculdade de Filosofia ao aceitar convite para ser professor catedrático da Universidade de Bonn, instituição de ensino em que estivera várias vezes na qualidade de professor visitante. De volta ao Brasil, após lecionar em várias universidades latino-americanas, passou a integrar o quadro docente da Escola de Comunicações e Artes até a sua aposentadoria compulsória.

Nos seus primeiros anos de vida universitária, até às vésperas de doutorar-se, enquanto lutava, sem êxito, pelo seu ingresso no regime de tempo integral, completava o seu salário como professor de Literatura Brasileira no Colégio Porto Seguro, instituição a que esteve sempre ligado como conselheiro.

Na Universidade de São Paulo, onde fazia parte do conselho administrativo do Museu Paulista, seu nome esteve associado a iniciativas inovadoras como, por exemplo, a criação, juntamente com o Prof. Sérgio Buarque de Hollanda, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), do qual foi diretor. Nada, porém, suplanta o seu grande papel de sistematizador e consolidador do ensino e da pesquisa etnológica moderna na USP (por extensão, no Brasil), onde sucedeu ao Prof. Emilio Willems na regência da cátedra de Antropologia.

* Publicado no *Jornal da USP*, 7 a 13/10/1991, p. 2

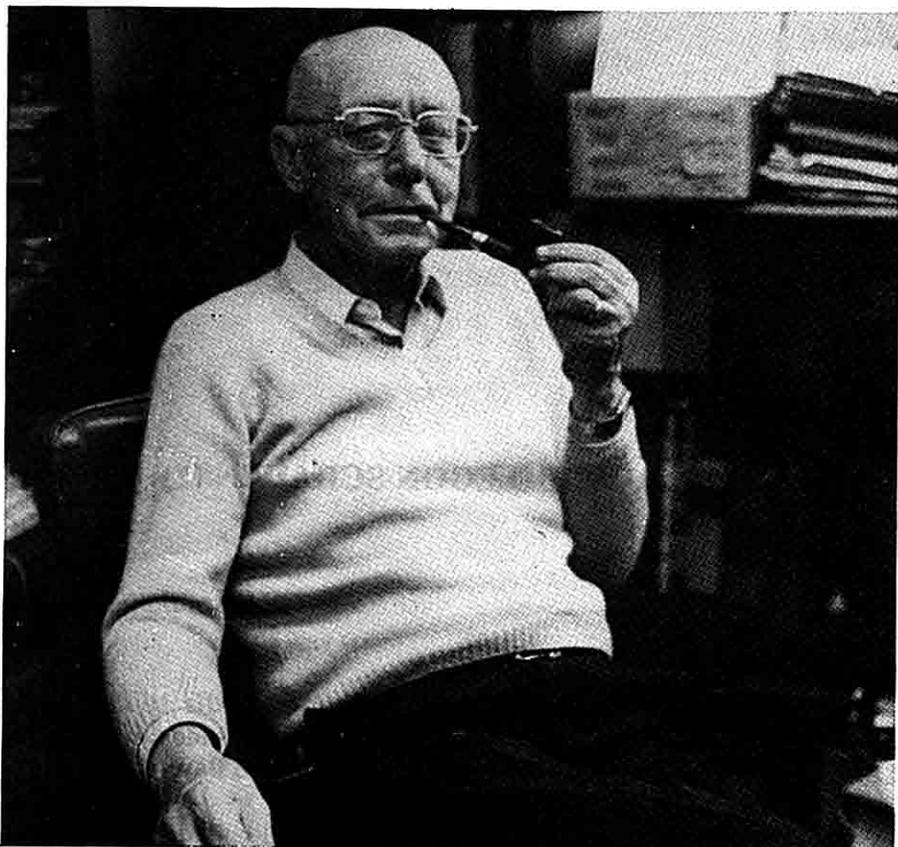


Foto cedida pela Sra. Margarete Regina Schaden, viúva do antropólogo.

Traçar o perfil intelectual do Prof. Schaden é principalmente referir-se às suas pesquisas de campo, à sua figura internacional, à sua atuação como Professor e aliciador de vocações antropológicas, à sua reconhecida erudição.

Embora haja pesquisado e publicado ininterruptamente durante décadas, é de justiça que se dê destaque na sua obra a três estudos notáveis, que correspondem às suas três teses, todas defendidas ao longo de sua vida acadêmica, na Faculdade de Filosofia. A primeira, *A mitologia heróica das tribos indígenas do Brasil* foi incluída no rol das teses mais relevantes da Faculdade e, como tal, foi recentemente reeditada, em sua 3ª edição, pela Edusp (1989). Esse ensaio tem o seu caráter de estudo pioneiro acentuado na medida em que se reconhece, atualmente, que é um marco de renovação na literatura sobre índios brasileiros. Não é repetição rotineira da vida e dos costumes das nossas populações tribais escrita por um mero conhecedor de índios, mas sim um ensaio em que, dentro dos mais rigorosos procedimentos teóricos, o autor propõe analisar e interpretar o até então fugidio e complexo mundo dos mitos e das representações.

A segunda tese, *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*, já em 3ª edição (EPU/Edusp, 1974), é um clássico na bibliografia etnológica brasileira. Novamente a mitologia, desta vez de um só grupo tribal, é a grande preocupação do autor. A mitologia é captada, porém, como manifestação de um todo cultural: a religião do grupo que, por sua vez, torna-se quase sinônimo da vida tribal. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani* apresenta-se com marcas salientes de um referencial lógico construído, conjugadamente, com recursos fornecidos pelos esquemas teórico-metodológicos funcionalista, difusionista e, principalmente configuracionista.

Finalmente, o terceiro estudo de Schaden — *Aculturação indígena*, publicado pela Pioneira (1969) —, foi sua tese de cátedra. Além de um inventário crítico dos estudos mais expressivos sobre a aculturação feitos por antropólogos brasileiros, Egon Schaden propõe fazer a partir de suas pesquisas de campo, como ele próprio afirma, "um ensaio sobre fatores e tendências de mudança cultural de tribos indígenas em contato com o mundo dos brancos".

Ao lado de numerosos significados que se possa atribuir a este ensaio, ele pode ser considerado uma das derradeiras — certamente a mais vigorosa — tentativas de se trabalhar entre nós com a teoria da aculturação. Tão logo a tese foi defendida e o livro publicado, o estruturalismo assolou todo o pensamento antropológico, colocando estudos de outra orientação teórica numa espécie de quarentena, da qual ressurgem hoje mais vivos do que nunca como referências obrigatórias na moderna reflexão antropológica.

Egon Schaden pesquisou e publicou suas próprias pesquisas mas reservou grande margem para a divulgação do saber antropológico produzido por colegas. *Leituras de Etnologia Brasileira* (Nacional, 1976) e *Homem, Cultura e Sociedade no Brasil* (Vozes, 1972) são coletâneas que exemplificam bem essa preocupação do Professor. É, todavia, na *Revista de Antropologia* que se expressa de forma mais plena tal preocupação.

A *Revista de Antropologia*, doada ao Departamento de Antropologia, do qual é órgão oficial, foi fundada pelo Prof. Schaden em 1953. Circula, ininterruptamente, há 38 anos, o que é algo excepcional nos meios acadêmicos brasileiros. Até a década de 70, Schaden foi mais que o seu editor ou diretor. Ele foi o financiador do periódico com os seus parcos salários de professor. Costumo chamar a *Revista de Antropologia* de "o periódico da abnegação", quando me ponho a lembrar de uma das raras confidências de Schaden: "Compro o papel, reescrevo os artigos, reviso as provas, envelope e amarro os volumes, lambo os selos levo nos ombros aos poucos os envelopes ao Correio Central de São Paulo". Assim é que se produzia (para usar uma expressão muito em voga atualmente na USP), em tempos heróicos da Faculdade. E o Prof. Schaden pertenceu a esse tempo, tempo em que muitos patrimônios

foram construídos com sacrifício e fé, o que nos tira o direito de dilapidá-los em nome do que quer que seja.

O que mais poderia falar sobre o Prof. Schaden, sem ferir a sensibilidade de um amigo que cultivava, acima de tudo, a discrição sobre seus feitos, seu modo de ser?

Gostaria de falar sobre suas aulas magistrais que criavam vocações antropológicas e subtraíam de outros domínios das ciências sociais alunos talentosos, que depois iriam compor os quadros de pesquisadores e docentes da USP e de outras universidades; ou do dia em que depois de uma verdadeira *tournée* como professor visitante por várias universidades estrangeiras, aceitou convite para viajar 300 quilômetros, num jipe, em nossa companhia (Prof. Max Boudin e eu) só pelo prazer de comer uma boa peixada nas barrancas do rio Paraná. Naquele dia, Schaden talvez nem se lembrasse de suas sofisticadas conferências proferidas em alemão, espanhol, inglês e francês. Ele estava mergulhado num clima indígena, através de um diálogo fluente com o Prof. Boudin. Schaden falava o tupi que aprendera com os grupos guaranis que pesquisara mais ao sul do país, ao passo que Boudin falava tupi do vale do Pindaré, dos Kaapor-Urubus. E ambos constatavam, uma vez mais, com alegria quase infantil, que o tupi era uma espécie de língua universal em termos de Brasil indígena. Poderia dizer, também num ato de indiscrição plena, de uma véspera de Natal em minha casa em que Schaden declamou todo o repertório de românticos brasileiros, revivendo seus tempos de professor secundário de literatura brasileira.

Por fim, não poderia deixar sem destaque a sua admirável erudição. A saudosa Prof^a Gioconda Mussolini, sua colega de tantos anos, sintetizava essa orientação num permanente conselho aos professores mais jovens: "Se alguém tiver alguma dúvida, não vá ao dicionário, vá ao Schaden". Sábio conselho que, lamentavelmente, as gerações novas não poderão ouvir e seguir.